

João Caupers

Previsões

Já não se trata de um ou outro caso. Diversos economistas, incluindo membros do Governo, confrontados com o fracasso constante e sistemático das suas previsões económicas, aparecem descontraídos na televisão, indiferentes ao falhanço dos seus vaticínios, "sabem, as previsões são assim mesmo, falham e vão-se refazendo e ajustando".

Nada de anormal, portanto.

Porque será que recordo aqui a célebre frase do futebolista "prognósticos só no final do jogo"? Frequentaram aquelas luminárias algumas escolas maravilha que por aí há, ou mesmo Harvard ou Columbia, e o melhor que fazem é isto?

Na esmagadora maioria das actividades profissionais existe uma componente previsional, sem a qual a actividade seria pouco mais do que inútil.

Um médico que diagnostica e estabelece uma terapêutica não faz mais do que uma previsão sobre a evolução da doença e os efeitos do tratamento que prescreve.

Um advogado que aconselha ao seu cliente uma determinada estratégia judicial, mais não faz do que tentar antecipar os respectivos resultados.

Até um engenheiro que calcula a resistência de um pilar antecipa as forças e tensões a que este será sujeito, de forma a evitar a possibilidade de o edifício que ele suporta colapsar.

Claro que o médico pode escolher o tratamento inadequado, acabando o doente por morrer. Claro que o advogado pode errar a sua estratégia, perdendo a acção judicial. Claro que o engenheiro pode falhar os seus cálculos, sendo o edifício danificado por um pequeno sismo. São humanos e os humanos erram. Por isso mesmo, para os abrigar dos riscos inerentes às previsões, é que existem os seguros.

Mas o que pensaríamos nós se todos – ou quase todos – os pacientes do médico morressem, os clientes do advogado fossem vencidos, os prédios projectados pelo engenheiro caíssem?

Encolheríamos os ombros com um "bom, as previsões são assim mesmo, podem falhar"?

Ou consideraríamos que se tratava, simplesmente, de um médico, um advogado ou um engenheiro incompetente?

Nem se diga que o economista elabora as suas previsões sem controlar todas as variáveis relevantes: sendo verdade, não sucede o mesmo com o médico, que nunca

João Caupers

sabe tudo sobre o doente? Ou com o advogado, que ignora o carácter dos magistrados ou a presença de espírito das testemunhas? Ou mesmo com o engenheiro que, as mais das vezes, não dispõe de estudos geológicos completos do local da construção?

Como Popper demonstrou, aquilo que conhecemos do mundo não nos permite prever o futuro: o facto de a água ter, até hoje, entrado sempre em ebulição ao atingir cem graus centígrados (ao nível do mar, claro) não nos dá a certeza de que o mesmo suceda amanhã.

Exigir dos economistas previsões razoavelmente certas, ainda que com pontuais falhas, não diverge daquilo que exigimos dos médicos, dos advogados ou dos engenheiros. Até porque a única utilidade das previsões dos (macro)economistas consiste em fundamentar a tomada de boas decisões nas grandes questões políticas e económicas que condicionam o nosso futuro.

Se não são capazes de fazer isso, então não servem para nada.

Vou começar a ler os signos.

As previsões dos astrólogos parecem-me agora mais fiáveis do que as dos economistas.

PS: Há pouco tempo, um tribunal italiano condenou peritos do serviço de protecção civil por, depois do primeiro sismo que afectou gravemente a cidade de Aquila, terem defendido que os habitantes dos prédios danificados não necessitavam de sair de suas casas, pois não se previa que as possíveis réplicas destruíssem os edifícios. Foi o que aconteceu, por trágico erro de previsão, e algumas dezenas de pessoas pagaram com a vida.

Cuidado, senhores economistas: não abusem da auto-indulgência!

Declaro que o texto que apresento é da minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respectivo conteúdo e citações efectuadas.